

A selecção de propriedades aspectualmente relevantes nos verbos de argumento incremental

António Leal

Centro de Linguística da Universidade do Porto¹

Abstract

In this paper, we study the problem of the heterogeneity of verbs with incremental arguments. In the approach presented, it is assumed that, if all these verbs have an argument that provides a way of measuring the event and that supplies an arbitrary end to it, there must be some kind of aspectual information that all these verbs share. Therefore, a proposal for describing the relevant properties of the incremental arguments is outlined, based on a hierarchical system of features that constitutes a part of the lexical meaning of the verbs with an incremental argument.

Keywords: aspect, telicity, incremental arguments, aspectual features, aspectual verb classes.

Palavras-chave: aspecto, telicidade, argumentos incrementais, traços aspectuais, classes aspectuais de verbos.

0. Introdução

Nos estudos sobre Aspecto, a contribuição de um dos argumentos do verbo para a determinação da telicidade da predicação básica tem sido explicada de diversas formas.

Entre os vários autores podemos destacar Tenny (1994), que sugere que há um argumento cujo papel é o de medir o evento ou de o delimitar, Verkuyl (1993; 2000), que defende que há uma transferência das propriedades quantificacionais de um dos argumentos para o tempo de duração do evento, ou Krifka (1992; 1998), que defende um homomorfismo da denotação do evento para a denotação de um argumento incremental, ou ainda Rothstein (2004; 2009), que considera que um dos argumentos participa na delimitação de um evento BECOME, constitutivo da estrutura de evento.

¹ Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003.

As abordagens à interacção entre os verbos e os seus argumentos incrementais tomaram como ponto de partida os verbos de criação e de destruição, ou seja, os verbos que expressam uma mudança na existência de uma entidade (quer a sua criação total, quer a sua destruição total), como em (1) e (2), e foram alargadas mais tarde a outros tipos de verbos, nomeadamente aos verbos designados de mudança de estado, de movimento e de *performance* (cf. (3), (4), (5)).

- (1) O João construiu a casa
- (2) O João comeu o bolo
- (3) O João aqueceu a sopa
- (4) O João caminhou para casa
- (5) O João tocou uma sonata

Desta forma, tanto em (1) como em (2), a extensão espacial da denotação dos SDet objecto directo “a casa” e “o bolo” delimitam a extensão temporal dos eventos “construir a casa” e “comer o bolo”, respectivamente. Por seu lado, em (3), é o facto de o referente do objecto directo “a sopa” atingir uma determinada temperatura que delimita o evento, enquanto em (4) isso acontece porque a entidade denotada pelo SDet sujeito atinge uma determinada localização espacial, identificada pelo SN “casa”. Por fim, em (5), é a execução ou realização completa de um objecto “abstracto”, denotado pelo SDet “uma sonata” que mede e delimita o evento “tocar uma sonata”.

A análise destes tipos de verbos levanta a seguinte questão: se, em todos eles, há um argumento que fornece uma maneira de medir e delimitar o evento identificado na predicação em que ocorre, então deve haver, dissimulado pela aparente heterogeneidade destas classes de verbos, algum tipo de informação de carácter aspectual que é comum a todos eles. O objectivo principal deste trabalho é apresentar uma proposta de descrição desta informação codificada nos verbos e que é aspectualmente relevante para determinar a telicidade de algumas predicções.

1. As informações aspectualmente relevantes codificadas na semântica lexical dos verbos incrementais

Há vários aspectos em comum a quase todas as propostas que procuram explicar a interacção entre a semântica dos verbos e a dos argumentos aspectualmente pertinentes para a determinação da telicidade das predicções. Um deles é o facto de se assumir que o verbo deve conter, ao nível lexical, a informação de qual é o argumento aspectualmente relevante para a determinação da telicidade da predicação, mas também de quais são as propriedades que esse argumento deve exibir e que são relevantes na determinação do *telos* do evento. Por outro lado, no argumento interno, devem existir essas propriedades, nomeadamente, certas características quantitativas: segundo Verkuyl (1993; 2000), o argumento deve denotar uma quantidade especificada, ou, de acordo com Krifka (1998), deve corresponder a um predicado quantizado, para definir, por exemplo, um Processo Culminado.

Contudo, estas propostas tipicamente nada referem no que diz respeito a outras propriedades denotacionais dos argumentos aspectualmente relevantes quando o homomorfismo que é estabelecido é de tipo não iterativo² (cf. Leal, 2009) e que estão, segundo cremos, subjacentes à divisão anteriormente estabelecida de tipos de verbos.

Há, contudo, alguns trabalhos que abordam este problema. Por exemplo, Hay, Kennedy & Levin (1999) e Kennedy & Levin (2008) defendem que a telicidade própria de predicacões com verbos de destruição, de mudança de estado e de movimento pode ser explicada em termos de restrições impostas a uma escala que mede a mudança sofrida pelo tema incremental destes verbos.

A proposta de Beavers (2008) segue também esta linha de raciocínio. Segundo o autor, os predicados télicos, designados de “predicados dinâmicos”, descrevem eventos com um tema x potencialmente modificado e uma escala que descreve essa mudança. Estes predicados subdividem-se em classes distintas de acordo com a natureza dessa escala: há escalas que correspondem a posições em percursos (com os tradicionalmente designados verbos de movimento), que correspondem à extensão das entidades envolvidas na eventualidade (verbos de criação e destruição) e escalas que correspondem a propriedades não espaciais (verbos de mudança de estado). Beavers defende ainda que a escala apropriada a cada expressão é determinada por uma combinação de factores: lexicais, contextuais e pragmáticos.

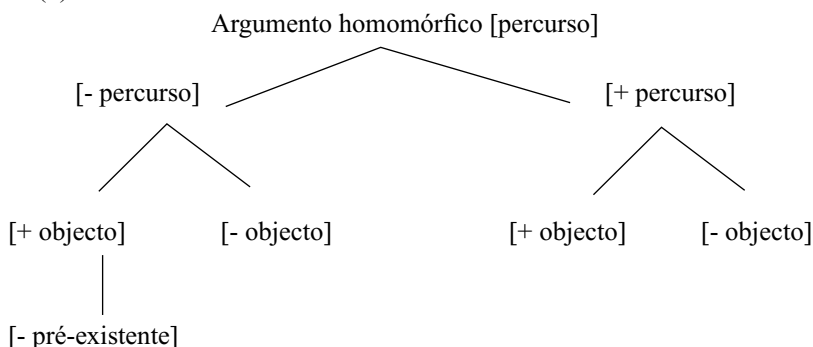
A proposta que aqui se apresenta passa por determinar quais são as propriedades semânticas que o argumento incremental deve exibir e que são seleccionadas pelos verbos, ou, em termos da proposta de Beavers (2008), quais são os factores lexicais presentes nos itens verbais que determinam o tipo de mudança expressa pela predicacão, ou seja, qual é a natureza da escala que descreve a mudança do tema incremental. Acresce que essas propriedades semânticas devem ser comuns a todos os tipos de verbos anteriormente listados, dado que em todos eles se verifica um homomorfismo argumento-evento. Por outro lado, combinações diferentes dessas propriedades deverão definir esses diferentes tipos de verbos.

1.1. Os traços [percurso], [objecto] e [pré-existente]

O sistema que propomos é constituído por três traços, [percurso], [objecto] e [pré-existente], que se encontram hierarquizados da forma indicada em (6). Tal como foi anteriormente referido, estes traços constituem-se como propriedades lexicais dos itens verbais.

² O homomorfismo não iterativo é de origem lexical e o argumento que se liga ao tempo do evento é, na maior parte dos casos, um argumento interno, realizado tipicamente como objecto directo. Por seu lado, o homomorfismo iterativo cria um evento derivado a partir de uma sucessão de eventos básicos do mesmo tipo. As condições em que surge este tipo de homomorfismo estão relacionadas com a ocorrência de adverbiais temporais, com propriedades de quantificação da expressão nominal relevante e com a telicidade ou atelicidade do predicado verbal ou do verbo.

(6)



O traço inicial do esquema é o traço [percurso], que indica se o argumento é ou não um percurso. Ser marcado com o traço [-] significa que esse argumento não é um percurso. Não sendo um percurso, pode ser [+ objecto]. Isto significa que este argumento é um objecto que se encontra totalmente envolvido no homomorfismo argumento-evento, ou seja, é totalmente afectado pela existência do evento. Se for [- objecto], então o homomorfismo é entre o evento e uma propriedade desse argumento (que, recorde-se, não é um percurso) que é afectada pela existência do evento.

Ser marcado com o traço [+ percurso] significa que o homomorfismo é entre o evento e um percurso. Sendo marcado com o traço [+ objecto], então esse percurso é ao longo da extensão espacial (ou outra dimensão) de um objecto. Sendo [- objecto], o percurso é um caminho físico, ou *path*.

Os traços [percurso] e [objecto] fundamentam-se, portanto, em propriedades dos argumentos envolvidos nos eventos. Assim, um argumento [+ percurso] não é afectado ao longo da existência do evento, na medida em que, por exemplo, as entidades denotadas por “o livro”, em “ler o livro”, e “casa”, em “correr para casa” não são afectadas pela existência dos eventos em questão. Esse argumento apenas serve para fornecer um conjunto de localizações de um outro argumento, o argumento tema. Pelo contrário, um argumento [- percurso] é um argumento que vai ser afectado (parcial ou totalmente) ao longo da ocorrência do evento, como é o caso de, por exemplo, “a maçã”, em “comer a maçã”, “uma casa de legos”, em “construir uma casa de legos” ou “um prato de sopa”, em “aquecer um prato de sopa”.

Por seu lado, o traço [objecto] está relacionado com a existência ou não de uma escala, ou seja, de um conjunto ordenado de índices, com a qual o evento estabelece a relação homomórfica. Os argumentos [+ objecto] são aqueles em que a medição do evento é feita por equiparação com a medição da extensão do objecto (“a maçã”, em “comer a maçã”; “uma casa de legos”, em “construir uma casa de legos”; “o texto”, em “ler o texto”). Já os argumentos [- objecto] são aqueles em que a medição do evento é feita por equiparação com um conjunto ordenado de valores, ou seja, uma escala. Essa escala é uma escala de propriedades (em “aquecer um prato de sopa”, é uma escala de valores para

temperatura) ou de localizações ao longo de um percurso abstracto (como em “correr para casa”) cujos pontos estão ordenados por uma relação de precedência.

Quando um argumento é [- percurso] e [+ objecto], pode ainda ser especificado com o traço [- pré-existente], postulado para dar conta do caso dos verbos de criação. O traço [+ pré-existente] é o traço por defeito nos restantes casos. De facto, assume-se tipicamente a existência das entidades envolvidas nas eventualidades, excepto com os verbos de criação, em que se assume que há uma entidade cuja existência está dependente da ocorrência da própria eventualidade.

A combinação destes traços dá-nos os seguintes subtipos de verbos:

homomorfismo evento–argumento [+ percurso; - objecto (+ pré-existente)]

homomorfismo evento–argumento [+ percurso; + objecto (+ pré-existente)]

homomorfismo evento–argumento [- percurso; - objecto (+ pré-existente)]

homomorfismo evento–argumento [- percurso; + objecto (+ pré-existente)]
[- percurso; + objecto; - pré-existente]

Na secção seguinte, abordamos cada um destes subtipos.

1.2. Traços aspectuais e tipos de verbos

1.2.1. Homomorfismo evento-argumento [+ percurso; - objecto (+ pré-existente)]

No caso de um verbo com a informação [+ percurso; - objecto], é estabelecido um homomorfismo entre o argumento evento e o argumento percurso. Recorde-se que o argumento aspectualmente relevante, sendo definido por estes traços, é um percurso a que se associa um conjunto ordenado de índices. Assim, veja-se um exemplo como (7), em que ocorre um predicador, “correr”, com dois argumentos: um argumento externo que denota a entidade que sofre um movimento e um argumento interno, que denota o termo de um percurso, ou seja, o Alvo. Dado que o verbo “correr” tem a informação lexical de que estabelece uma relação incremental com um argumento percurso, a delimitação desse percurso que é feita pelo SP Alvo faz com que a predicação se torne télica.³

³ Esta delimitação é evidente quando se compara (7) com um exemplo como (a). Neste exemplo, dado que o percurso não é delimitado, o adverbial preferível é “durante x tempo”. O adverbial “em x tempo” só é aceitável se o contexto fornecer uma forma de delimitar o evento (por exemplo, se estiver implícito um tipo de prova desportiva).

(a) O rapaz correu {durante meia hora/*# em meia hora}.

Note-se ainda que o exemplo (7) pode ter uma leitura atética (correr para casa durante meia hora, mas não conseguir chegar a casa), tal como acontece com outros tipos de verbos, como, por exemplo, em “ler o livro” (ler o livro durante meia hora, mas não chegar ao fim do livro).

(7) O rapaz correu para casa em meia hora

Note-se ainda que a entidade que sofre a mudança de localização não sofre qualquer alteração na sua constituição. Dito de outro modo, a ocorrência do evento não acarreta nenhuma alteração nesta entidade, excepto a sua localização, dado que este argumento não é aspectualmente relevante para determinar a telicidade da predicação.

1.2.2. Homomorfismo evento-argumento [+ percurso; + objecto (+ pré-existente)]

No caso de um verbo com a informação [+ percurso; + objecto], o homomorfismo é entre o argumento evento e um argumento percurso que é, ele próprio, uma entidade, e não um *path*, como no caso anterior. O que faz deste argumento um percurso é o facto de, ao longo do evento, haver uma outra entidade envolvida na situação que sofre uma mudança de localização. Estas diversas localizações são dadas por esse argumento que é um objecto no qual se define um percurso. Veja-se (8), em que o predicador “ler” tem dois argumentos: um argumento externo que denota uma entidade que se move “mentalmente” ao longo de um percurso e um argumento interno que denota um objecto que define o percurso percorrido “mentalmente” pela primeira entidade.

(8) O rapaz leu o texto em meia hora

Dado que o argumento interno define um percurso, apesar da sua natureza de objecto, a entidade denotada por este argumento não sofre qualquer alteração ao longo da ocorrência do evento. Podemos considerar que a função de um argumento percurso, qualquer que ele seja, é apenas a de fornecer um conjunto de índices de natureza espacial, aos quais se liga o conjunto de índices temporais que representa o tempo do evento.

1.2.3. Homomorfismo evento-argumento [- percurso; - objecto (+ pré-existente)]

No terceiro caso, o verbo exhibe os traços [- percurso; - objecto (+ pré-existente)]. O traço [- percurso] implica que o que delimita o evento não é um percurso, físico ou abstracto, representado ou não por um objecto. Neste caso, o que delimita o evento é um objecto, que irá sofrer alterações com a ocorrência do evento. Por outro lado, o traço [- objecto] quer dizer que o argumento objecto sofre apenas alterações parciais com a existência do evento, dado que não é afectado na totalidade, mas apenas uma ou mais propriedades relevantes, expressas por uma escala. Veja-se (9).

(9) O rapaz aqueceu um prato de sopa {em cinco minutos / durante cinco minutos}

Em (9), é possível a combinação tanto com o adverbial “em x tempo” como com “durante x tempo”, na medida em que a mudança diz respeito a uma propriedade da entidade denotada por “um prato de sopa”, propriedade essa que é situada no interior de uma escala de diversos valores possíveis. O adverbial “em x tempo” implica considerar

que foi atingido um determinado valor, contextualmente determinado, a partir do qual se pode dizer que “o prato de sopa está quente”. O mesmo não se passa com o adverbial “durante x tempo”. Neste caso, há apenas uma informação de alteração do valor da temperatura, sem qualquer referência ao atingir de um determinado valor.⁴

1.2.4.1. Homomorfismo evento-argumento [- percurso; + objecto (+ pré-existente)]

O verbo pode ainda exibir os traços [- percurso; + objecto]. Assim, o homomorfismo é entre o argumento evento e um argumento objecto que sofre, ao longo do evento, alterações em toda a sua extensão. Por outras palavras, o argumento objecto está envolvido totalmente no estado de coisas e não apenas uma propriedade do objecto, expressa por uma escala. Note-se que a entidade referida pelo argumento relevante pode não ser totalmente afectada na eventualidade descrita. Por exemplo, em (10), não é relevante, do ponto de vista linguístico, que o rapaz não tenha comido o caroço da maçã: de facto, mesmo deixando por comer o caroço, é verdade que ele comeu a maçã se tiver comido toda a parte da maçã que é relevante (tipicamente polpa e, eventualmente, a casca). Dado que sofre alterações totais até ao fim do evento, o objecto, quando o evento acaba, já não existe (ou, pelo menos, a parte do objecto linguisticamente relevante). A eventualidade não é, por isso, repetível.

(10) O rapaz comeu a maçã (em cinco minutos)

1.2.4.2. Homomorfismo evento-argumento [- percurso; + objecto (- pré-existente)]

Finalmente, o verbo pode ainda exibir os traços [- percurso; + objecto; - pré-existente], como em (11). Assim, o homomorfismo é entre o argumento evento e um argumento objecto que sofre, ao longo do evento, alterações em toda a sua extensão. A diferença em relação ao grupo de verbos anterior é mais uma especificação: é especificado que, antes da existência da eventualidade, o objecto não existia, ou seja, a ocorrência da eventualidade está ligada ao surgimento do objecto. Assim, ao contrário dos restantes casos, este grupo de verbos é marcado com o traço [- pré-existente]. Todos os outros são [+ pré-existente] por defeito. Tal como com os verbos do subtipo anterior (“destruir”, “cozer”), também com estes verbos a eventualidade não é repetível. A motivação para esta

⁴ Quando ocorre o adverbial “em x tempo”, existe a pressuposição de que foi atingido um determinado valor na escala, que pode ser explicitado, como em (a). Já o adverbial “durante x tempo” requer apenas uma mudança positiva na temperatura, mas sem a pressuposição de que foi atingido um determinado valor na escala. Ou seja, a temperatura aumentou, mas sem que se pressuponha que foi atingido um determinado grau.

(a) O rapaz aqueceu um prato de sopa até aos 40 graus em cinco minutos.

impossibilidade é, contudo, distinta: no caso dos verbos do tipo de “construir”, a impossibilidade de repetição está relacionada com o facto de haver um objecto que tem de não existir previamente à eventualidade. Com os verbos do tipo anterior, a impossibilidade de repetição está relacionada com o facto de o objecto deixar de existir após a ocorrência da eventualidade.

(11) O rapaz construiu uma casa de legos (em três horas)

2. Os traços aspectuais e algumas leituras divergentes

Há alguns casos de verbos que são sensíveis às propriedades denotacionais/quantificacionais de um dos seus argumentos para a determinação da telicidade da predicação em que se inserem e que surgem, no mesmo contexto, com leituras ligeiramente distintas. Procuraremos agora explicar estas diferenças à luz da proposta de traços aspectuais que acabámos de apresentar.

1.º caso

Consideraremos os seguintes verbos, que seleccionam diferentes propriedades aspectuais nos argumentos relevantes para a determinação da telicidade da predicação em que se inserem: “comer” ([- percurso; + objecto]), “secar” ([- percurso; - objecto]), “ler” ([+ percurso; + objecto]) e “empurrar” ([+ percurso; - objecto]) acompanhado de SP introduzido por “para” (com a função semântica de Alvo).

A compatibilidade destes verbos com o adverbial “em x tempo” é irregular, quando estão envolvidos, na predicação, nomes simples (*bare nouns*) contáveis no plural com a função de objecto directo. Enquanto os verbos “comer” e “ler”, em (12a) e (12b), permitem uma leitura distributiva (*n* Processos Culminados básicos) com nomes simples contáveis no plural e com “em x tempo”, os verbos “secar” e “empurrar”, em (12c) e (12d), são ambíguos entre uma leitura distributiva (*n* Processos Culminados básicos) e uma leitura colectiva do objecto directo (1 Processo Culminado básico).

- (12) a. O rapaz comeu tartes em cinco minutos
 b. O rapaz leu textos em cinco minutos
 c. O rapaz secou casacos em 15 segundos
 d. O rapaz empurrou cadeiras para a parede em 15 segundos

A diferença que parece estar subjacente a esta assimetria tem a ver com as propriedades aspectualmente relevantes dos argumentos homomórficos. Tanto “comer” como “ler” requerem um argumento homomórfico marcado como [+ objecto], enquanto “secar” e “empurrar” requerem um argumento [- objecto]. Os argumentos [+ objecto] são aqueles em que a medição do evento é feita por equiparação com a medição da extensão do objecto, enquanto os argumentos [- objecto] são aqueles em que a medição do evento é feita por equiparação com um conjunto ordenado de valores, ou seja, uma escala, que pode ser de propriedades ou de localizações ao longo de um percurso, cujos pontos estão ordenados por uma relação de precedência.

Dado que os nomes simples denotam, nos casos analisados, um conjunto indeterminado de elementos, eles seriam, à partida, incompatíveis com o adverbial “em x tempo” quando considerados colectivamente, pois o homomorfismo evento-argumento determinaria um evento atélico, enquanto o adverbial requeria um evento télico. Assim, a única hipótese de a frase ser gramatical, quando o argumento é marcado como [+ objecto], ou seja, quando a medição da extensão do evento é feita por equiparação com a medição da extensão do objecto, é considerar não o conjunto de entidades, que não é delimitado, mas cada uma dessas entidades, que são denotadas por nomes contáveis, pelo que têm a informação lexical de atomicidade.

A mesma explicação pode ser avançada para os casos dos verbos “secar” e “empurrar”, quando surge a leitura distributiva, considerando-se, neste caso, não o conjunto de entidades, que não é delimitado, mas cada uma dessas entidades. Mas, no caso da leitura colectiva, a resposta passa pelo facto de o argumento ser marcado como [- objecto]. Assim, para que a predicação possa ocorrer com “em x tempo”, é necessário que seja atingido um determinado valor numa escala: no caso de “secar”, numa escala de valores; no caso de “empurrar”, numa escala de localizações (um percurso físico ou *path*). Dado que esse valor não é próprio de uma única entidade atómica, ele pode ser atribuído a um conjunto de entidades. Dito de outra forma, e considerando os exemplos em (12), os casacos que constituem o conjunto denotado pelo objecto directo podem ter atingido um mesmo valor de “humidade” e as cadeiras podem ter atingido o mesmo ponto (final) do percurso. Pelo contrário, o final de “comer a tarte x” não pode ser o mesmo de “comer a tarte y”, tal como o final de “ler o texto x” não pode ser o mesmo de “ler o texto y”. As diferentes leituras espoletadas pelos nomes simples contáveis no plural podem assim ser explicadas pelas propriedades aspectualmente relevantes dos argumentos homomórficos seleccionadas pelos verbos.

2.º caso

Uma outra diferença prende-se com os nomes simples não contáveis no singular. Os exemplos são agramaticais com “em x tempo” nos casos dos verbos “comer” e “ler”. Pelo contrário, são gramaticais com “secar” e com “empurrar”. Vejam-se os exemplos em (13).

- (13) a. * O rapaz comeu sopa em cinco minutos
 b. * O rapaz leu literatura marginal em cinco minutos
 c. O rapaz secou linho em 15 segundos
 d. O rapaz empurrou areia para a parede em 15 segundos

A justificação para esta assimetria parece-nos ser exactamente a mesma que foi apontada para os nomes simples contáveis no plural. Assim, “sopa” e “literatura marginal”, sendo argumentos [+ objecto] não delimitados de “comer” e “ler”, não podem medir o evento. Pelo contrário, com verbos como “secar” e “empurrar”, esta propriedade dos objectos directos “linho” e “areia” (a não delimitação) é irrelevante, na medida em

que o verbo selecciona um argumento [- objecto], pelo que o que é relevante para a compatibilidade com “em x tempo” é o atingir de um determinado valor ou posição numa escala. Não interessa, por isso, que “linho” e “areia” sejam não delimitados.

3.º caso

Passemos agora aos casos com o adverbial “durante x tempo”. Uma diferença fundamental, que está na origem da aparente diversidade de leituras, tem a ver com o facto de o argumento homomórfico poder ser definido com o traço [+ percurso] ou com o traço [- percurso], na medida em que a marcação positiva deste traço favorece leituras iterativas. Vejamos (14), com um objecto directo determinado no singular.

- (14) a. O rapaz comeu a tarte durante cinco minutos
 b. O rapaz secou o casaco durante cinco minutos
 c. O rapaz leu o texto durante cinco minutos
 d. O rapaz empurrou a cadeira para a parede durante cinco minutos

(14a) tem uma leitura de um Processo, inferindo-se que a tarte não foi toda comida, ou seja, foi retirado o ponto de culminação do núcleo aspectual (cf. Moens, 1987). (14b) tem também a leitura de um Processo, em que se infere a não existência de um valor na escala de “humidade” a partir do qual se possa dizer que “o casaco está seco”, ou seja, não existe um ponto de culminação no núcleo aspectual.⁵

(14c), por sua vez, apresenta duas leituras. Numa delas, semelhante a (14a) e (14b), infere-se que o texto não foi lido na sua totalidade, ou seja, a predicação é um Processo por remoção do ponto de culminação do núcleo aspectual. Contudo, (14c) tem uma outra leitura, em que se infere que houve uma sucessão não delimitada de leituras completas (de Processos Culminados) do texto.

Em (14d), há ambiguidade entre uma leitura de Processo por remoção da culminação ou por iteração de Processos Culminados, tal como em (14c).

⁵ Note-se que, sem o adverbial “durante x tempo”, todos os exemplos em (14) tem leituras preferenciais télicas. Para além disso, num exemplo como (a), aparentemente existe, para além da leitura de evento incompleto, também a leitura de iteração, o que constituiria um contra-exemplo para a nossa argumentação de que os verbos [- percurso; - objecto] só têm, neste contexto, leitura de evento incompleto. Note-se, contudo, que a leitura de iteração só surge com relativa facilidade num caso como (a) porque o nosso conhecimento do mundo indica que um objecto aquecido (ou arrefecido) tende a voltar à temperatura ambiente. Contudo, com “secar” isso já não se verifica, dado que um objecto seco não tende a ficar molhado. Para além disso, há casos em que a leitura iterativa não é de todo possível, como em (b), dado que o evento não é repetível.

(a) O rapaz aqueceu a tarte durante cinco minutos.

(b) O sol amadureceu o cacho de uvas durante cinco dias.

Esta oposição entre, de um lado, “secar” e amadurecer” e, do outro, “aquecer”, pode ainda estar associada ao facto de, no primeiro caso, as escalas relevantes serem fechadas (a escala possui um elemento máximo), enquanto, no segundo caso, é projectada uma escala aberta, ou seja, não existe um elemento máximo (cf. Kennedy & Levin, 2008). Este assunto constituirá, certamente, um tópico de análise em trabalhos futuros.

Os verbos em que existe apenas uma leitura são aqueles que definem, para o argumento homomórfico, o traço [- percurso] (“comer”, “secar”). Por seu lado, os verbos que permitem mais do que uma leitura, nomeadamente a leitura iterativa, são aqueles que definem, para o argumento homomórfico, o traço [+ percurso]. Um argumento [+ percurso] não é afectado ao longo da existência do evento, servindo apenas para fornecer um conjunto de localizações de um outro argumento, o argumento tema. Por seu lado, um argumento [- percurso] é um argumento que vai ser afectado (parcial ou totalmente) ao longo da ocorrência do evento. Assim, sendo afectado, um argumento [- percurso] impede a leitura iterativa, estando disponível apenas a leitura de “evento incompleto”. Por seu lado, um argumento [+ percurso], não sendo afectado pela ocorrência do evento, permite sem problemas a sua repetição.

3. Conclusões

Verificámos que as classes de verbos que projectam eventualidades cuja telicidade é determinada por alguma propriedade denotacional de um dos seus argumentos são definidas pela existência, nas entradas lexicais desses verbos, de certas especificações relativas às propriedades aspectualmente relevantes do argumento homomórfico. Para dar conta dessas especificações, propusemos um sistema de traços, o qual permite definir as classes de verbos tradicionalmente consideradas na literatura, baseado essencialmente em dois: o traço [percurso] e o traço [objecto]. Para dar conta dos verbos de criação, propusemos ainda o traço [pré-existente].

Estes traços, presentes nas entradas lexicais dos verbos, dizem respeito às propriedades aspectuais que o argumento homomórfico deve exibir para que consiga determinar a telicidade da predicação, no caso de se estabelecer um homomorfismo não iterativo (cf. Leal, 2009).

Verificámos ainda que este sistema de traços permite explicar diferenças interpretativas entre grupos de verbos, nomeadamente quando ocorrem expressões nominais determinadas no singular ou nomes simples contáveis no plural e não contáveis combinados com adverbiais do tipo “em x tempo” e “durante x tempo”.

Referências

- Beavers, John (2008) Scalar Complexity and the Structure of Events. In J. Dölling, T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer (orgs.) *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Walter de Gruyter, pp.245-268.
- Hay, Jennifer, Christopher Kennedy & Beth Levin (1999) Scalar Structure Underlies Telicity in ‘Degree Achievements’. In *The Proceedings of SALT IX*, pp.127-144.
- Kennedy, Christopher & Beth Levin (2008) Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements. In L. McNally & C. Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, pp.156-182.

- Krifka, Manfred (1992) Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In Ivan Sag & Anna Szabolcsi (eds.) *Lexical Matters*. Center for the Study of Language and Information: Leland Stanford Junior University, pp.29-54.
- Krifka, Manfred (1998) The Origins of Telicity. In Susan Rothstein (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 197-235.
- Leal, António (2009) *Semântica Aspectual e Nominal – Contributo das Expressões Nominais para a Construção Aspectual das Frases*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.
- Moens, Mark (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Rothstein, Susan (2004) *Structuring Events: a Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Rothstein, Susan (2009) *Another look at Accomplishments and Incrementality*. Guião da comunicação apresentada no workshop *Events across Categories* (Madrid, Centro de Ciencias Humanas y Sociales, 27-28/05/2009).
- Tenny, Carol (1994) *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer.
- Verkuyl, Henk (1993) *A Theory of Aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Verkuyl, Henk (2000) Events as Dividuals: Aspectual Composition and Event Semantics. In Higginbotham, J., Pianesi, F. & Varzi, A. (eds.) *Speaking of Events*. Oxford: Oxford University Press, pp.169-206.